



AMADORES ASSÉRIO GRUPO DE TEATRO

MONSTRONHOS

Texto, Encenação e Desenho de Luz

Pedro Galiza

Desenho de Som

Isabel Pereira

Cenografia

Afonso Castro

Francisca Canedo

Figurinos, Apoio à Cenografia e Desenho Gráfico

Sissa Afonso

Interpretação

Deeogo Oliveira

Francisca Canedo

Inês Leal

Maria João Perla

Rodolfo Fontes

Rúben Ferreira

Sofia Cunha

Teresa de Jesus

Apoio Técnico à Cenografia

Bernardo Castro

Francisca Canedo

Apoio Técnico ao Desenho de Luz

Pedro Correia

Direcção de Produção

Inês Simões Pereira

“Verdade é, velho monstro, que te amo!”

Charles Baudelaire

A meio de uma improvisação e, passe-se o pleonismo, de improviso, pedi que dessem àquela estranha escultura de torsos torcidos - e que a muito custo deambulava pela sala de ensaios - um espírito de monstro. Que se tentassem mexer, a um só impulso e consciência, como uma fantasia de monstruosidade colectiva, só para ver no que dava.

E, sem que ninguém o soubesse, este espectáculo nascia.

Primeira produção dos Amadores ASSÉRIO, projecto de formação que este ano arrancou e um dos pilares do programa de serviço educativo da ASSÉDIO, “Monstrinhos” foi dado à luz por muitos improvisos e muitas conversas. Por muito texto escrito a muitas mãos, sondando-se sempre os monstros que, raspado o verniz, lá no fundo mais fundo fazem ninho, alimentados pelos combustíveis do costume: o medo da falha e da insuficiência, o pânico de se ficar para sempre no mesmo sítio, os desejos tanto irreprimíveis como irrealizáveis, uma radical honestidade a roçar a violência, as normatividades sob o peso das quais nada resiste, a competitividade desbragada que atropela tudo o que lhe aparece à frente. Fomos pincelando estas e outras paisagens por palavras e actos, escrevendo e reescrevendo, pensando, desenhando e compondo as personagens que agora temos para apresentar, arquétipos sem nome de monstros intermédios, nem tanto ao mar, nem tanto à terra: seguramente, não são verdade, mas mentira também não serão. Num devaneio, imaginou-se um futuro não muito distante, pejado de drones, pintado nos tons de um calor que não dá tréguas e assombrado por um fenómeno inexplicável: o sonho colectivo, praga ou salvação de uma humanidade em desespero. Uma humanidade, talvez, a cada instante mais monstruosa.

Chegando-se aqui, à estreia, ao chamado “resultado final” - e que de final nada tem, pois nem espectáculo algum se pode proclamar acabado como por cada espectáculo que se estreia e enterra, um outro logo nasce ao dobrar da esquina - só me resta solenemente declarar a minha gratidão a estas oito bravas almas que escolheram bater o caminho. Agradecer as horas, a paciência, a vontade, o terem-se permitido serem individuais e colectivas, o terem escolhido sentir medo e ganas ao mesmo tempo, o terem desejado, porventura, serem um pouco mais conscientes e generosas. Não desvalorizando o espectáculo que conjuntamente criámos e que bem sabemos o trabalho que nos deu, muito mais importante do que tudo o resto é a sacção de um espaço de crescimento e respeito, um dos poucos abençoados sítios que nos sobram onde pisar o mesmo chão para sonhar o mesmo sonho é resistir de sorriso nos lábios. É não abdicar do nosso gregarismo em prol da atomização generalizada. É descruzar os braços, levantar a cabeça e matar o cinismo.

E é, talvez, aprender a olhar o monstro nos olhos, fazer-lhe meia dúzia de festinhas e perguntar-lhe - amavelmente - se não se quer juntar a uma improvisação.

Pedro Galiza



Agradecimentos

CASSANDRA

Jean Pierre

João Pinho

Mariana Leite Soares

Sabela Albariño

TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO



24, 25 e 26 julho 2026

SALA de BOLSO

duração aprox. 1:10

M/ 14

